

Adolescentes, AIDS e Sexualidade. UM BICHO DE SETE CABEÇAS?





GIV

Grupo de Incentivo à Vida
Rua Capitão Cavalcanti, 145
Vila Mariana • São Paulo
Fone: 5084-0255
giv@giv.org.br
www.giv.org.br

Diretoria:

Gilvane Casimiro
Edson Arata
Luiz Donizete
Sílvia Domingues
Silvana Catanho

Concepção e textos
Elizabeth Franco Cruz

Equipe Técnica
Cely Tanaka
Solange Queiroz
João Gonçalves

Projeto Gráfico
Carlos José Takachi

Ilustrações:
Luiz Augusto Ribeiro

Editoração Eletrônica:
Zapt Editora

Impressão:
Ágil Gráfica

Financiamento
CN DST AIDS/Ministério da Saúde
UNESCO: Projeto 914/BRA/3014
CFA 703-02

AIDS e sexualidade são assuntos que interessam a muita gente, mas principalmente aos adolescentes, pessoas que estão cheias de vontade e curiosidade, cheias de experiências para viver. Este material foi feito para você, que é jovem, ouve falar muitas coisas sobre o tema, mas quer tirar umas dúvidas, especialmente sobre como viver ou conviver diretamente com o HIV e a aids. Há muitos adolescentes soropositivos que não têm certeza sobre o exercício da sexualidade, sobre as condições de maternidade ou paternidade e mesmo sobre como levar a vida no dia-a-dia. São muitas as perguntas, sempre. Quanto às respostas... Às vezes, não há uma única resposta, pois "as verdades" ou "as escolhas" dependem muito de cada um (a).

A seguir, apresentamos algumas das perguntas mais freqüentes sobre o tema e informações básicas que todos nós devemos ter.



**Tenho HIV/AIDS
e quero namorar, ficar, transar,
será que eu posso?**

SIM! SIM! SIM! Você pode ficar, namorar, transar. Muita gente vê a AIDS como um "ladrão" que tira a felicidade e as possibilidades das pessoas. Mas muito mais gente está vivendo com HIV ou AIDS e descobrindo que pode amar, ser amado, ter amigos, família, exercer sua sexualidade. Enfim, é legal perceber que pessoas com HIV ou AIDS podem e devem tentar ser felizes como qualquer outra pessoa.



**Mas, se sou soropositivo,
só posso namorar com quem tem hiv?**

**Tenho medo de transmitir o hiv
para um parceiro(a) que não tem o vírus.**

Se beijá-lo(a) ou fizer sexo, ele (a) vai pegar o hiv?

Você pode namorar com quem tem hiv e com quem não tem.

Beijo não transmite HIV e sexo sempre deve ser feito com camisinha.

A camisinha é o meio mais seguro que conhecemos para evitar a transmissão do HIV. E mesmo quando duas pessoas são portadoras do vírus, elas também devem usar camisinha nas relações sexuais, porque assim se protegem de reinfecções (afinal, pode haver “troca” de diferentes “tipos” do HIV.)

É possível se proteger e proteger o(a) parceiro(a) usando camisinha masculina ou feminina. O importante é usar os preservativos de modo correto. Quem tem dúvida, medo, ou não tem experiência pode pedir ajuda para alguém do posto de saúde, da escola, da família. É legal pegar a camisinha na mão para “entender como funciona”. Meninos e meninas podem experimentar, colocando a camisinha sozinhos, antes da transa. Assim dá para perceber como é que fica no próprio corpo, como se sentem... E, se depois de experimentar, novas dúvidas aparecerem, pergunte. Partilhar dúvidas e informações é sempre a melhor pedida.



Não sei se conto pro meu (minha) parceiro(a) que tenho hiv.

Às vezes quero contar, mas dá um medo...

Quase todas as pessoas infectadas passam por isso; é uma questão delicada, envolve muitos valores e sentimentos. Existe muito preconceito e de fato muita gente pode se afastar de quem tem HIV. Mas há muitas pessoas soronegativas que topam manter relação com soropositivas. O problema é que, na fantasia de alguns, a AIDS é “coisa do outro”, nunca vai chegar perto. Então, fugindo da AIDS, elas fogem das pessoas com AIDS. Por isso, contar ou não contar é uma decisão muito pessoal, que pode encontrar todo tipo de reação, inclusive entre os amigos, familiares, amores ou colegas de escola e trabalho. No caso de um namoro, é fundamental, contando ou não, usar preservativo. Ou seja, em toda transa, contando ou não, tem que usar camisinha. Também é importante que quem tem HIV se fortaleça para não desmoronar quando “topar” com o preconceito – uma coisa que fere muito. Você tem um vírus ou uma doença, mas os outros, muitas vezes, têm preconceito ou pura desinformação. Você precisa se lembrar de que não é mau(má), feio(a) ou culpado(a); ao contrário, é uma pessoa bacana que tem amor para dar e merece receber amor também!



HIV e filhos, eis a questão!

Muitos jovens com HIV se perguntam: “Se eu quiser posso ter filhos?” Outros já dizem: “Não quero ter filhos. Como posso exercer minha sexualidade sem preocupações?”

Todos as pessoas podem decidir ter ou não um bebê, inclusive as pessoas que vivem com HIV. E caso queiram um filho também podem decidir qual é o melhor momento para tê-lo.

Nosso papel aqui não é ficar dando receitas ou ditando regras. Queremos ajudar você a pensar: por que ter um bebê?

Você tem condições materiais, afetivas e sociais de cuidar deste bebê? Esta decisão é compartilhada com o(a) parceiro(a). Que projeto de vida você tem?

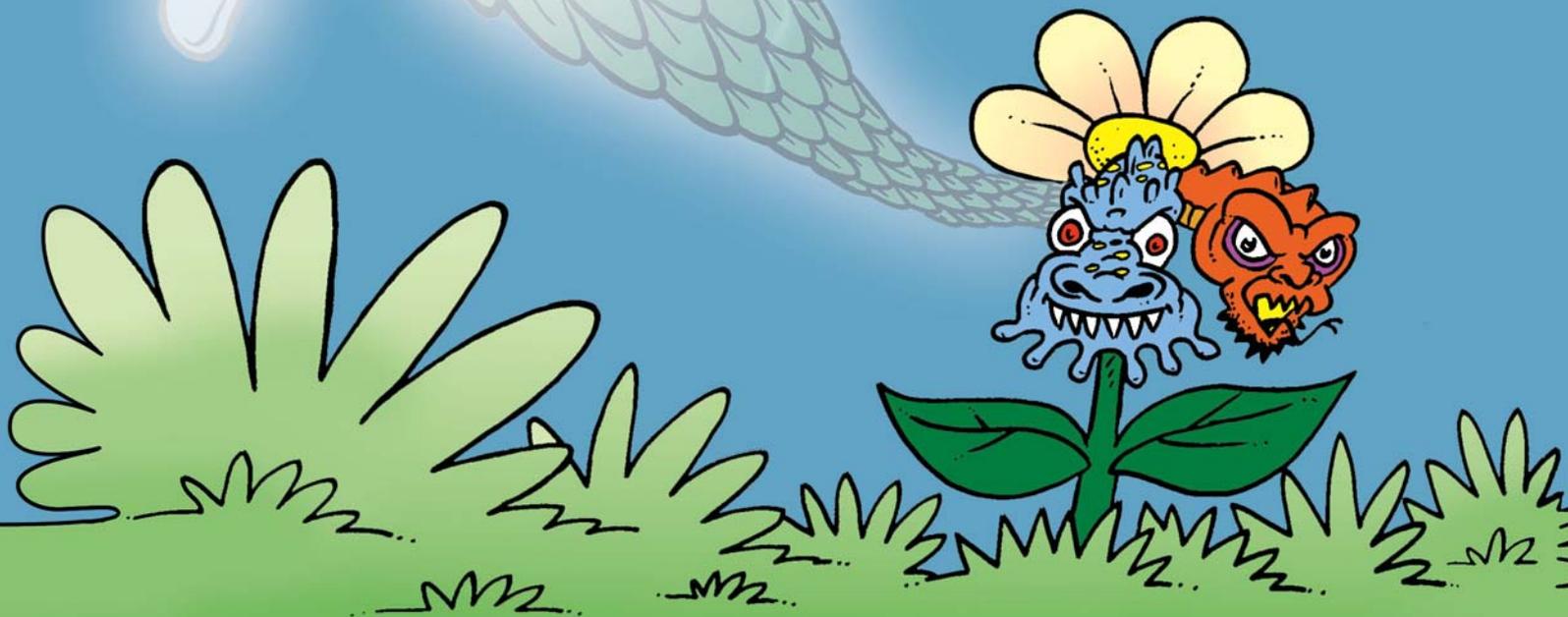
A sexualidade é algo prazeroso que pode ser exercida de forma segura (incluindo ou não o projeto de ter filhos).



Nós dois somos soropositivos, podemos ter um bebê soronegativo?

A transmissão do HIV da mãe para o bebê chama “transmissão vertical”. Se uma mulher soropositiva resolve ter um bebê, é preciso fazer uma profilaxia (prevenção). Em princípio, o estado de saúde da mãe deve ser bom (cd4 alto, carga viral baixa) e ela e o bebê recebem azt. Além disso, o bebê não deve ser amamentado com leite materno.

Seguindo adequadamente o procedimento de prevenção, o risco de o bebê ser infectado é de 2%. Se nenhuma medida for adotada, o risco de infecção do bebê é de 35%. Por isso todas as mulheres precisam fazer pré-natal: os médicos solicitam o teste do HIV e, se descobrirem que a mãe é soropositiva, têm como evitar que o vírus seja transmitido ao bebê.





**Então, quando eu quiser ter um filho,
como evitar que meu(minha) parceiro
e o bebê sejam infectados?
E se eu não quiser ter filhos?**

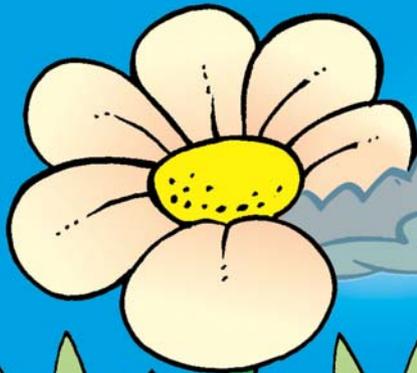
Mulheres e homens soropositivos podem ter filhos sem infectar seus parceiros. No caso de homens soropositivos, adota-se um procedimento chamado de “lavagem de esperma”: o esperma é trabalhado em laboratório para separar o HIV, e realizar a fecundação, evitando a infecção na mulher que irá gerar a criança. Este tratamento infelizmente ainda é caro.

No caso das mulheres soropositivas, pode ser feita uma inseminação artificial (um procedimento médico que permite juntar óvulo e espermatozóide sem riscos para o casal).

Quem quer ter relacionamento sexual e não quer engravidar deve usar caimisinha e se quiser pode associá-lo a outro método contraceptivo (métodos que previnem a gravidez – pergunte a seu médico.)

Às vezes, médicos e amigos dizem que portadores do HIV não podem ter filhos e devem tirar essa idéia da cabeça. De fato, apesar de o risco ser pequeno para quem faz a prevenção, o bebê pode nascer com hiv, e essas pessoas se preocupam com a saúde dos pais e o futuro da criança. Porém, como dissemos, existe um procedimento de prevenção, o AZT está disponível em todos os serviços de saúde. Já a lavagem de esperma, ainda não. Neste caso, pode ser necessário ter de reivindicar formalmente seus direitos.

Quem decide ter um bebê ou quer evitar uma gravidez pode procurar um serviço de saúde especializado ou uma ONG e obter informações adequadas. É fundamental conversar com profissionais que acolham as dúvidas sem fazer julgamentos. Assim, cada pessoa ou cada casal pode avaliar suas possibilidades, suas dificuldades, desejos e entender melhor cada etapa de uma gravidez e, com base nisso, tomar suas decisões. Não dá para deixar que os outros decidam as coisas da nossa vida; por outro lado, precisamos ser responsáveis quando o assunto é a nossa saúde e a saúde de pessoas queridas.

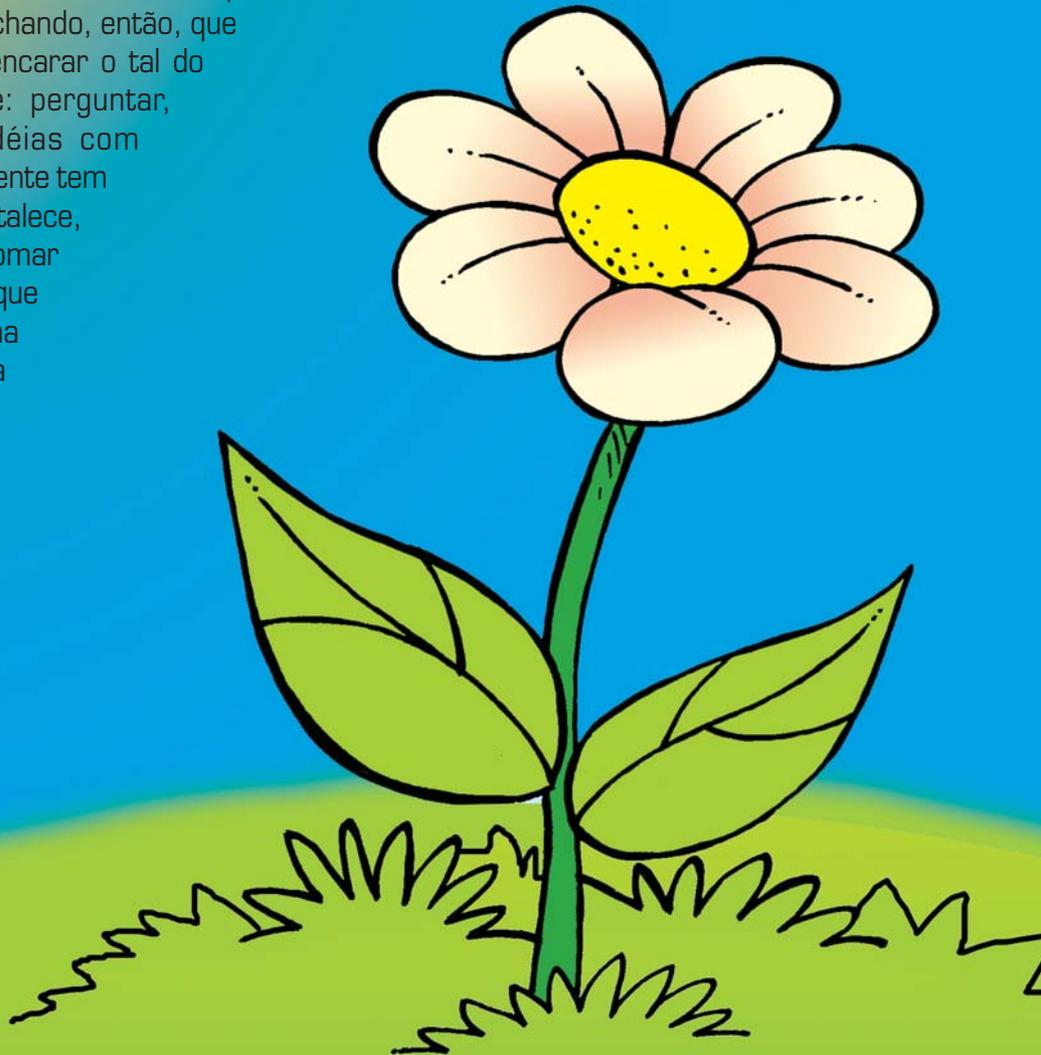


Às vezes, a gente tem medo de morrer, de adoecer. Às vezes, a gente se pergunta se o outro vai nos aceitar com HIV...

Fazer sexo com alguém, contar que tem HIV, decidir ter um filho, essas decisões podem não ser nada fáceis, e quem tem HIV já sabe bem que a vida não é cor-de-rosa como nos sonhos. Mas isso não significa que ela tenha de ser cinza todo o tempo.

Adoecimento, morte e rejeição são possibilidades na vida de quem tem HIV e na de quem não tem. Na vida de quem tem HIV, isso tudo costuma estar mais perto dos sentimentos, gerando medo e das constantes preocupações. E medo é uma coisa que aumenta quando se trata de temas “proibidos”, sobre os quais ninguém fala, e todo mundo fica achando, então, que não há nada a fazer. A saída é encarar o tal do bicho-de-sete-cabeças de frente: perguntar, pensar, se informar, trocar idéias com pessoas de confiança. Quando a gente tem informação, quando a gente se fortalece, passa a ter mais condições de tomar decisões, com mais autonomia. O que queremos dizer é que não tem uma receita pronta, o jeito é pegar a vida nas mãos e escrever a própria história. É assim para todas as pessoas.

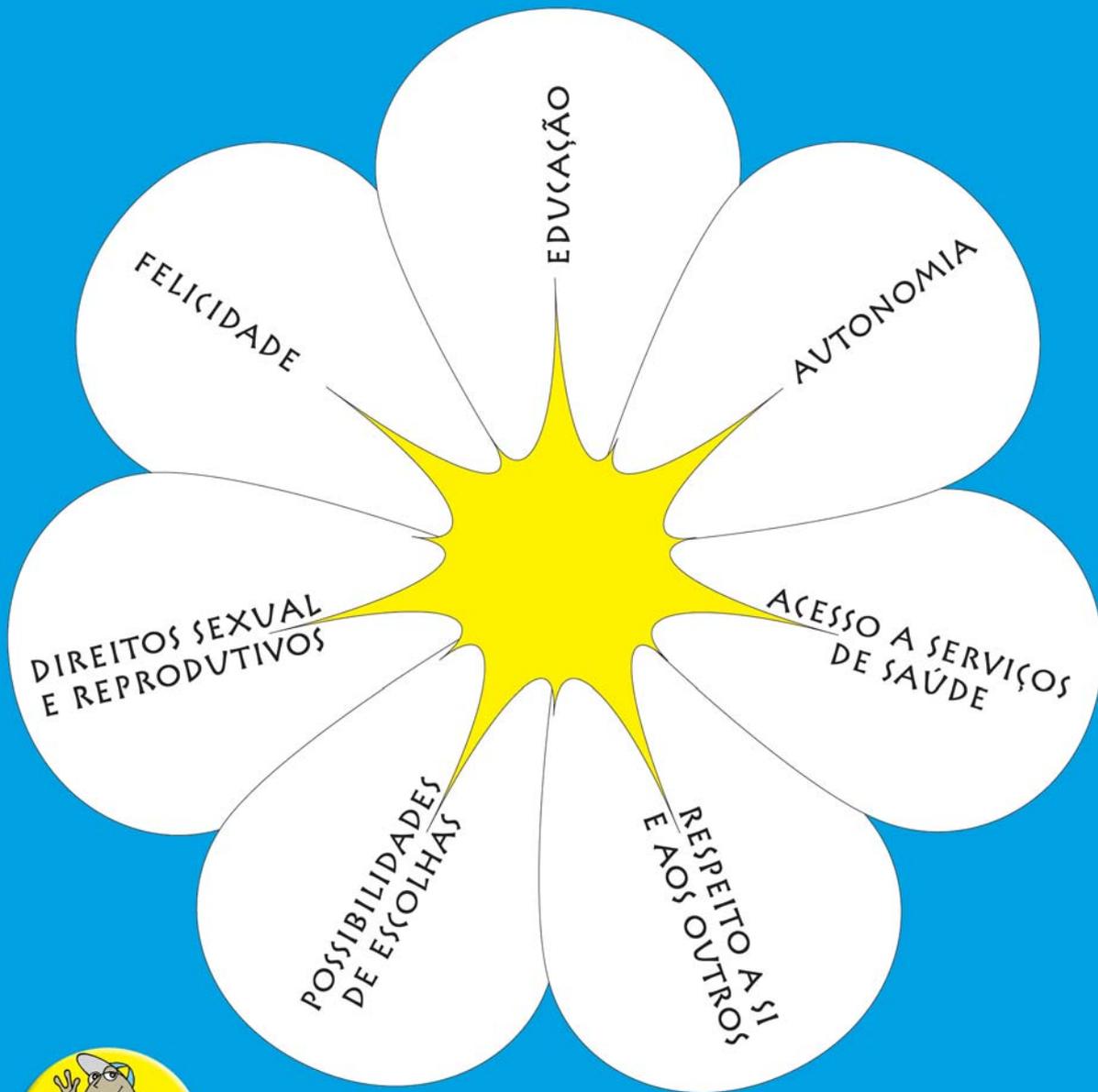
Daí, quem sabe, a gente descobre que os medos, os fantasmas, aquele bicho-papão gigaaaaante pode se transformar numa coisa bonita – que é a vida, que é o cuidado que a gente tem que ter todos os dias de buscar a felicidade.



VIDA

AUTONOMIA, ACESSO A
SERVIÇOS DE SAÚDE, À
EDUCAÇÃO E A INFORMAÇÕES,
RESPEITO AOS DIREITOS SEXUAIS
E REPRODUTIVOS, RESPEITO A SI
E AO OUTRO, POSSIBILIDADE DE
ESCOLHA, FELICIDADE





Rua Capitão Cavalcanti, 145 • Vila Mariana
Fone: 5084-0255
www.giv.org.br

Financiamento: CN DST AIDS/Ministério da Saúde
UNESCO: projeto 914/BRA/3014
CFA 703-02

